



Memória Radiofônica – os sentidos mobilizados por ouvintes idosos na escuta passada e presente.¹

Graziela Bianchi

Doutoranda em Ciências da Comunicação- Unisinos

Resumo

Esse artigo apresenta nuances de um estudo em desenvolvimento onde se objetiva identificar, analisar e compreender como os processos de mediação radiofônica nas últimas décadas foram sendo inscritos na memória de ouvintes idosos e expressos através de percepções, apropriações, confrontações, relações, manifestações que são a representação de uma vivência com o rádio. Analisar como as matrizes radiofônicas constituintes de produtos em circulação ou já extintos se apresentam e se relacionam nas significações realizadas por esses ouvintes, demonstrando também suas competências radiofônicas.

Palavras- chave: rádio, memória, idosos.

Estudar configurações midiáticas que presentificam aspectos de uma memória midiática construída com o passar dos anos é buscar refletir sobre o que foi vivido, mas não uma vivência qualquer, esquecida, e sim a experiência que ainda hoje está presente, pois ainda tem o seu valor, ainda possui alguma significação.

Com base em relatos, observações e sistematizações que foram sendo feitas em investigações anteriores², começou-se a refletir que tais narrativas, dando conta de histórias relacionadas ao rádio do passado e do presente, poderiam não ser expressões isoladas, mas serem características próprias de indivíduos que possuem a história do rádio ligada a sua própria história. Esse relacionamento íntimo com a mídia radiofônica

¹ Trabalho apresentado ao GT Práticas Sociais de Comunicação do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul.

² Especialmente no âmbito do mestrado, com a dissertação “Rural Vivido e Mediatizado (...)” concluída em 2003.



,e mais do que isso, essa busca por estar estabelecendo relações com o rádio ouvido na infância, na juventude, a lembrança de músicas, de programas veiculados no passado, é uma característica bastante interessante e meritória de investigações mais aprofundadas. O que se apresenta nesse caso não é um simples acionamento de uma memória marcante, mas é a marca de um forte relacionamento com o midiático, capaz de estabelecer relações, criar parâmetros de comparação, fazer com que passado e presente midiático possam dialogar. Em suma, é o desenvolvimento da história de vida radiofônica de cada um desses indivíduos, e que tem o seu valor também como história midiática, pois é vivenciada pelos ouvintes, está inscrita em suas memórias, é parte de todas uma experiência vivida com o midiático.

A descrição dessas lembranças e memórias foi recorrente e se mostrava como um aspecto de muita relevância e significação para as pessoas que vivenciaram e ainda vivem as transformações pelas quais o rádio esteve e está atravessando. É freqüente a descrição, muitas vezes espontânea, sem maiores motivações, dos processos que envolviam a escuta do rádio nas décadas de 1950, 1960. Carregar a bateria do aparelho, tendo que superar distâncias relativamente grandes, o rádio expresso como um objeto de desejo e de difícil obtenção, a demarcação do poder dentro da família, relacionado à escuta radiofônica; todos esses foram aspectos que chamaram a atenção e que muito tinham a dizer sobre essas lembranças de uma escuta passada.

É a partir de abordagens dessa natureza que este artigo expõe nuances de um estudo em desenvolvimento, que busca compreender e analisar como os processos de midiaticização radiofônica dos últimos 60 anos foram sendo percebidos, compreendidos, utilizados, relacionados por ouvintes idosos. A partir dessa abordagem principal é possível relacionar uma série de aspectos que estão presentes nesse contexto e de certa maneira se apresentam interligados, como a presença de relações entre as matrizes radiofônicas relacionadas a programações de rádio de décadas passadas e as vigentes na atualidade.

Contextualizando processos



Na perspectiva da atualidade, do que experienciamos hoje, pode-se dizer que cultura midiática (MATA, 1991) é cada vez mais presente nas diferentes sociedades. É também o reflexo de uma centralidade que os meios foram adquirindo no cotidiano dos indivíduos. Pode se dizer que de certa maneira, essa prática está sendo cada vez mais “naturalizada”.

Podemos, por ejemplo, reconocer la centralidad que fueron adquiriendo los medios masivos de comunicación en la vida cotidiana como fuentes de información y entretenimiento, como fuentes de la construcción de imaginarios colectivos entendidos como espacios identitarios nacionales, epocales, generacionales. (MATA, 1991:84)

Nesse sentido é que as sociedades são interpeladas a realizarem novos arranjos que dêem conta da complexidade que esses formatos impõem. A cultura midiática propõe “*un nuevo modo en el diseño de las interacciones, una nueva forma de estructuración de las prácticas sociales, marcada por la existencia de los medios*” (MATA, 1991:84).

É nesse âmbito que este trabalho se situa, considerando especialmente as relações existentes entre a mídia e seus públicos, buscando compreender as maneiras como se dão as manifestações, apropriações, usos, recusas, entre outros, com relação à oferta midiática radiofônica, por parte dos ouvintes, buscando também subsídios para tentar relacionar os modos como se apresentam as configurações entre a escuta passada e presente e as significações geradas por indivíduos idosos.

Cabe também assinalar a forte relação existente entre rádio e oralidade. As culturas latino-americanas são marcadas por essa característica, sendo esta, parte de sua constituição. Entretanto, é importante ressaltar que não se está partindo de uma perspectiva em que a oralidade é tida como característica do passado ou até mesmo ultrapassada, de uma cultura que já se “desenvolveu”, mas é parte constituinte do presente, se mostra transformada, convivendo com uma série de outras características, sejam elas atuais ou não. Ao se trabalhar no âmbito da recepção com indivíduos idosos, pressupõe-se que a cultura oral tenha uma relevância bastante significativa. Alia-se então público e meio que possuem na oralidade uma marca comum.

Ressalta-se também a importância de se estabelecer uma relação entre a oralidade existente no âmbito da cultura e a oralidade midiaticizada pelo radiofônico. Para Jesús Martín-Barbero, vivemos em um tempo que se observa uma co-existência entre as diferentes manifestações comunicativas.



Hablar de medios de comunicación en América Latina se ha vuelto entonces una cuestión de envergadura antropológica. Pues lo que ahí está en juego son hondas transformaciones en la cultura cotidiana de las mayorías, y especialmente en unas nuevas generaciones que saben leer, pero cuya lectura se halla atravesada por la pluralidad de textos y escrituras que hoy circulan. Lo que entonces necesitamos pensar es la profunda compenetración – la complicidad y complejidad de relaciones – que hoy se produce en América Latina entre la oralidad que perdura como experiencia cultural primaria de las mayorías y la visualidad tecnológica, esta forma de “oralidad secundaria” que tejen y organizan las gramáticas tecnoperceptivas de la radio y el cine, del vídeo y la televisión”. (MARTÍN-BARBERO, 1999:34).

Seguindo nessa mesma perspectiva, Martín-Barbero destaca que na atualidade há a relação de convivência entre construções como a oralidade e o que o autor denomina de *visualidade tecnológica*, onde estariam inscritas as experiências mediadas tecnologicamente. O que se coloca então a partir do estabelecimento de relações desta natureza é a coexistência da oralidade com “novos” modos de se perceber e realizar a comunicação, nesse caso, especialmente via mídias. Além disso, mesmo as tradicionais práticas orais ainda mobilizadas passam por processos de reconfiguração, especialmente em função do midiático.

Na relação estabelecida entre significações de uma escuta midiaticizada pelo rádio, coloca-se a importância de se perceber também os sentidos gerados e o que se produz a partir deles. As múltiplas possibilidades ofertadas pelas produções radiofônicas colocam a necessidade de se observar e analisar os aspectos constituintes envolvidos. Essa voz que não é simplesmente composta pela fala humana, mas que integra outras sonoridades como efeitos, a música, sons que funcionam como marca para um programa, um locutor, um personagem, e que juntas passam a compor um quadro de oralidade e sonoridade midiaticizada.

A mobilização que cria sentidos no ouvinte é feita pela voz. Ela está direcionada à memória e por seu intermédio se dá o acionamento de referenciais simbólicos diversos, e entre eles os midiáticos. O direcionamento, as variações que abrangem intensidade, velocidade, ritmo, articulação fazem da voz midiática um elemento com características iguais a da voz utilizada na relação interpessoal, mas que carrega em si as referências simbólicas presentes no meio, no produto midiático e no papel representado por aquele que a possui. (BIANCHI, 2003: 29).



Na concepção de MATA (2005:227), as memórias da recepção são realizáveis *a partir do consumo, desde a peculiar experiência cultural e sua relação com outras ordens de experiência que não operam como dado utilizável, mas como marca.*

No processo de recuperação dessas memórias, alguns desafios são colocados. Entre eles, a necessidade de se considerar que o tempo modifica os indivíduos não só fisicamente, mas também seus gostos, suas percepções, seus usos. No caso de se buscar compreender significações dos indivíduos a partir do midiático, esse aspecto é de suma importância. No entanto, parte-se do pressuposto de que aquilo que realmente teve alguma relevância, das mais diversas ordens do vivido, acaba permanecendo.

A opção de propor um trabalho que busque analisar e compreender a construção das memórias radiofônicas por indivíduos idosos parte também da percepção de um desafio que é colocado de maneira crescente para as sociedades. A população mundial está envelhecendo. As expectativas de vida são cada vez maiores, tanto nos países desenvolvidos como os que estão em vias de desenvolvimento, e são o resultado dos avanços nas diferentes áreas da medicina, das melhorias nas condições infra-estruturais urbanas, entre outras.

As sociedades estão sendo interpeladas a encarar essa nova configuração que se mostra crescente. Dados captados pelo censo do IBGE no ano de 2000 apontavam um percentual de 8,6% de indivíduos idosos no Brasil. A projeção para o ano de 2050 é de que 13% dos brasileiros sejam considerados idosos, totalizando 30 milhões de pessoas. Ressalta-se aqui que o IBGE adota como base para a consideração do indivíduo como idoso a idade de 60 anos, também utilizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). No Brasil já começam aparecer algumas iniciativas no intuito de contemplar a questão do idoso. Desde 01 de janeiro de 2004 está em vigor a lei que estabelece o Estatuto do Idoso, que dispõe sobre uma série de questões relacionadas aos direitos dessa parcela da população. Constitui-se então em uma tentativa de garantir o bem estar dessas pessoas. Tais iniciativas se mostram importantes e necessárias na medida em que o idoso passa a sofrer uma série de discriminações, seja no âmbito social ou mesmo familiar.

Para a autora Simone de Beauvoir (1990) essa discriminação acontece em função de questões culturais, onde o homem nunca quer se deparar com a velhice, mesmo sabendo que ela representa uma etapa natural da vida. Esse estágio está fortemente vinculado a uma série de características negativas, de caráter restritivo, onde o ser humano se tornaria totalmente improdutivo, um peso para a sociedade. No entanto, Beauvoir prefere analisar a questão de uma outra perspectiva, onde a velhice é encarada



como parte de um processo, que apresenta limitações, mas também aspectos positivos, como em qualquer outra etapa da vida.

A sociedade é então desafiada a encontrar formas de conviver de maneira mais harmoniosa e digna com a velhice. É interpelada cada vez mais a substituir uma perspectiva meramente instrumental de perceber os indivíduos e passar a ter uma posição mais inclusiva. A comunicação, como parte integrante do sistema social, também tem sua parcela de responsabilidade na questão do idoso, assim como em outras questões que são de interesse comum. Neste âmbito é que essa pesquisa pretende estar situada, propondo o questionamento, a reflexão e em alguma medida, proposições em torno de discussões que envolvem a relação entre o rádio e o idoso.

Entretanto, é pertinente ressaltar que não se está considerando o idoso como uma designação uniforme e homogênea. Cada indivíduo terá suas próprias significações, muito particulares, relacionadas à sua história de vida radiofônica. O desafio está em relacionar essas especificidades com a questão de idade, ou geracional, que podem apontar para trajetórias que apresentam convergências, mas também distinções.

Relações mídia, memória, idosos

A partir das relações estabelecidas entre mídia, memória e idosos, coloca-se uma pergunta geradora: de que maneira se desenvolvem e se articulam os processos de midiáticação radiofônica nas últimas décadas, estabelecendo um confronto dessas características com as inscrições da memória midiática por parte de ouvintes idosos? Em outras palavras, como os processos de escuta radiofônica foram se configurando na memória midiática de ouvintes idosos e constituindo assim parte de suas histórias de vida midiática? Nesse contexto é importante também questionar qual seria a participação e a presença das matrizes radiofônicas, seja nas programações de rádio do passado e das que estão vigentes na atualidade, seja do papel e presença que essas matrizes possuem no âmbito da recepção. Em suma, está se refletindo sobre como a cultura midiática radiofônica se desenvolve e gera sentidos, buscando descrever tais processos de uma perspectiva dos ouvintes, nesse caso, idosos.

São dois então os eixos principais que estão norteando a investigação: a perspectiva do receptor nesse processo comunicacional radiofônico, por um lado, e o constante processo de midiáticação que atravessa a existência dos indivíduos, nesse caso particular, visto na perspectiva do rádio. Entretanto, salienta-se que os processos



radiofônicos interessam à pesquisa do ponto de vista do receptor, ou seja, o rádio e suas configurações são refletidos no âmbito da memória midiática que os ouvintes constroem acerca de suas configurações.

Ao relacionar o receptor neste projeto, está se buscando situá-lo como importante etapa no trabalho dos meios de comunicação. É a ele que se destinam as inúmeras e diversificadas mensagens produzidas diariamente e divulgadas pelos diferentes dispositivos técnicos comunicacionais. É tentando então compreender como se dão as articulações dos usos, apropriações, recusas da oferta midiática³, buscando assim “reconstruir” as matrizes radiofônicas das quais os ouvintes idosos se apropriam e re-apropriam, que a pesquisa será desenvolvida.

Para tanto, é possível contar com a contribuição de Eliseo Verón e a sua noção de campos de *efectos de sentido*⁴. O ouvinte irá então criar diferentes sentidos para aquilo que o rádio lhe apresentou ou lhe apresenta. Não haverá uma significação única para as mensagens, mas é nesses *campos* que o receptor irá situar e agregar os sentidos, também conforme os seus repertórios. A percepção desses sentidos, por parte de quem analisa esses fragmentos, especialmente expressas através de relatos, é realizada por *marcas discursivas* que o indivíduo vai deixando expressas em seu discurso. Essas marcas se tornam visíveis, em alguns momentos são sublinhadas, em outros apagadas, mas em maior ou menor grau são perceptíveis e possíveis de analisar. É importante situar que todos esses *campos de efectos de sentido* que se procura identificar, analisar, compreender, estão em maior ou menor grau inseridos em um processo de mediação pelo qual atravessam as diferentes sociedades e do qual participam os indivíduos.

Essa mediação da experiência (MATA, 1991) é um processo que vem se desenvolvendo gradativamente. Na perspectiva de Verón, os processos se deram da seguinte maneira:

El primero es el de las sociedades mediáticas, es decir, las sociedades industriales en las cuales se han instalado progresivamente los medios de masas. Dichas sociedades aparecieron en el siglo XIX con el auge de la prensa gráfica de masas, evaluación que luego fue haciéndose más compleja con el advenimiento de la radiofonía y la televisión. (VERÓN, 2004:224)

Na vivência das sociedades atuais, passa-se desse estágio de introdução dos diferentes meios de comunicação de massa no contexto social, para um nível em que os

³ BIANCHI, Graziela Soares. P. 11

⁴ VERÓN, Eliseo. *La Semiosis Social- Fragmentos de una Teoría de la Discursividad*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1996.



meios já possuem uma lógica própria e complexa, um espaço na constituição do cotidiano e história dos indivíduos e suas sociedades.

El segundo período es el de las sociedades industriales mediatizadas. La sociedad mediatizada emerge a medida que las prácticas institucionales de una sociedad mediática se transforman en profundidad porque existen los medios. Esquematisando quizás excesivamente, diríamos que la mediatización de las sociedades industriales (que desde aproximadamente un siglo antes se habían transformado en mediáticas) se aceler[o después de la Segunda Guerra Mundial. (Evidentemente, la toma de consciencia de la importancia de las tecnologías de comunicación que produjo la guerra no fue ajena a esa aceleración). (VERÓN, 2003:224).

Ao se falar em memória, é importante situar em que perspectiva está se trabalhando. Nesse aspecto, busca-se especialmente a contribuição de dois autores: Maurice Halbwachs e Ecléa Bosi. Para ela, a memória pessoal traz em si componentes que também irão participar da conformação da memória social. Ou seja, ao construir, reconstruir e acionar suas memórias, o indivíduo estará também acionando a memória de sua própria sociedade. Memória coletiva e individual apresentam diferentes lógicas e conformações, mas têm em comum o ponto de partida de sua constituição: o que já aconteceu, passou, mas quem determinadas ocasiões tem o acionamento solicitado.

Situando especificamente o indivíduo idoso, pode-se dizer que as memórias que ele é capaz de mobilizar possuem, na maior parte das vezes, uma riqueza de experiências muito grande. Elas situam toda uma trajetória de vida. Interessa-nos então capturar em meio a essas memórias a participação e a construção da memória radiofônica individual, mas que também é configurada e irá configurar o coletivo.

Nas sociedades contemporâneas, marcadas pelo imediato, pelo descartável, pela rapidez, não há espaço nem valorização para que as memórias do idoso possam ter lugar. Importantes quando podiam oferecer sua força de trabalho, no momento em que se tornam “inativos”, passam a ser um “peso” social. *A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor*. (BOSI, 1994: 77). Uma exceção parece acontecer com algumas culturas orientais, onde o idoso é bastante valorizado, visto como o depositário das experiências coletivas da sociedade.

A vivência das pessoas idosas, suas recordações, suas lembranças fazem parte de uma memória que é coletiva (HALBWACHS, 2004:30) e que é parte de uma trajetória



social. Seu acionamento se dá pela memória individual, mas que apresenta pontos de convergência onde a memória coletiva se faz presente.

A problemática desse trabalho está centrada então na articulação entre a mídia radiofônica, a memória, em âmbito individual e coletivo, e os indivíduos idosos. É a partir da análise de como se inter-relacionam esses pontos que poderá se compreender as formas com que a memória radiofônica se inscreve na história de vida midiática desses ouvintes, e nessa ligação estabelece a sua própria história.

De uma perspectiva social, entende-se que a pesquisa científica pode e deve contribuir na discussão de determinados temas que nem sempre são abordados com a profundidade que merecem. Estar propondo a investigação da relação existente na construção das memórias radiofônicas midiáticas pelo rádio em confronto com a escuta do rádio na atualidade é um passo rumo à tentativa de se valorizar o idoso, partindo-se do pressuposto que ele pode ter contribuições a oferecer para a sociedade, especialmente por sua experiência e história de vida.

Estratégias Metodológicas

Ao relacionar um estudo em que a recepção midiática é considerada como etapa fundamental no processo de comunicação, é preciso estabelecer procedimentos metodológicos específicos que atendam cada um dos pólos envolvidos, ou seja, produto e recepção. Considera-se então uma perspectiva *transmetodológica* que se justifica pela necessidade de confluência de vários métodos de pesquisa para a formulação de problemáticas em comunicação. (MALDONADO, 2004). Nessa concepção, a presença de diferentes metodologias que possam dar conta da complexidade do objeto de estudo. No caso desta investigação, essa abordagem se faz necessária por se pretender relacionar produtos e recepção midiática. Cada um desses âmbitos da investigação irá exigir diferentes aparatos metodológicos para responder as questões propostas.

Como o eixo principal do trabalho está relacionado às formulações elaboradas por ouvintes idosos, é importante a delimitação de quem serão esses indivíduos. Trabalha-se com pessoas de faixa etária acima dos 60 anos, de ambos os sexos, que residem em lares para idosos, instituições públicas ou particulares da cidade de Porto Alegre. Para isso, a necessidade de se realizar um mapeamento das instituições existentes na capital, bem como saber os números da população residente nesses lares. Em uma outra perspectiva, pesquisa-se também idosos que residem em casas particulares, no âmbito da convivência individual ou familiar, também em Porto Alegre.



Essa distinção nas abordagens se faz necessária pela possibilidade de se efetuarem comparações entre os modos de consumo de mídias e especialmente a relação e construção das memórias radiofônicas entre os diferentes cenários de habitação e convivência social dos idosos. A seleção primordial dos ouvintes que participam da pesquisa se dá em função das competências radiofônicas explicitadas.

A cidade de Porto Alegre é escolhida como o cenário onde se pretende buscar os indivíduos que fazem parte da pesquisa. A escolha se dá, por um lado, por ser a capital de um estado com forte tradição em produções e audiência radiofônica, e por outro, por ocupar o segundo lugar entre as capitais brasileiras com o maior número de idosos, somando 11,8% da população, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro, que possui o índice de 12,8%⁵.

Em um primeiro momento, a investigação solicita a aplicação de *questionários exploratórios*, que servem de instrumento para esclarecer questões importantes para a pesquisa, como tipo e grau de audiência de programas e emissoras radiofônicas de décadas anteriores e atuais, as relações estabelecidas com rádio (horários de escuta, preferências, recusas, cenários de presença do aparelho, entre outras), e que são elementos importantes para poder construir os próximos passos do trabalho. Esse questionário é elaborado em blocos de questões que correspondem às exigências de cada aspecto do problema.

Com base nessa exploração, também é possível identificar os ouvintes que tenham disposição e potencialidade para participar de uma etapa em profundidade da investigação, onde além de entrevistas com o intuito de reconstruir a história radiofônica dos ouvintes, será realizada uma *entrevista com inserção radiofônica*, onde fragmentos de programas de rádio são ouvidos com os entrevistados em meio a uma entrevista que faz relação direta com o que está sendo ouvido, possibilitando o contato do entrevistado, os produtos midiáticos e a pesquisadora.

É só a partir dos primeiros trabalhos com a recepção que é realizada a escolha de programas ou emissoras a serem analisados. Ou seja, serão os ouvintes que, através de suas respostas ao *questionário exploratório*, apontam programas e emissoras, do passado e do presente, que serão investigadas. Cabe ressaltar que a perspectiva com a qual se está trabalhando é a quanti-qualitativa, ou seja, os números que os dados podem fornecer são importantes como subsídios para contextualizações, estabelecimento de

⁵ IBGE (2002). *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. www.ibge.gov.br.



relações, no entanto, não se pretende restringir a investigação ao numérico, mas sim aliar essa perspectiva com o qualitativo, onde se podem estudar mais a fundo as questões de interesse da pesquisa.

Esse posicionamento está relacionado à preocupação de se investigar os usos realizados acerca do midiático. É uma perspectiva que valoriza a posição do receptor no processo comunicacional. Além do mais, essa opção é também fruto da experiência vivida no mestrado, onde em um primeiro momento foram elencados programas radiofônicos que seriam analisados, mas que no contato com a recepção, descobriu-se que tais programas não eram ouvidos. Nesta pesquisa, a opção é de se realizar o caminho inverso, buscando primeiro saber os usos e preferências da recepção para posteriormente realizar a delimitação de programas a se analisar.

Tais opções e decisões estão relacionadas à complexidade do objeto de estudo, que apresenta muitas faces, diferentes direcionamentos. A pesquisa científica é um processo que se constrói do início ao fim, nada está dado, simplesmente.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BIANCHI, Graziela Soares (2005). *A escuta popular por María Cristina Mata*. In: Teorias do rádio – textos e contextos. MEDITSCH, Eduardo (org). Florianópolis: Insular.

_____ (2003). *Rural Vivido e Midiatizado – relações simbólicas e sentidos produzidos a partir da escuta dos programas radiofônicos Hora do Chimarrão e Brasil de Norte a Sul por ouvintes das comunidades rurais Linha Batistela, Povoado Coan e Linha Bigolin*. Dissertação de mestrado/UNISINOS, São Leopoldo.

_____ (2004). *A participação do receptor no processo comunicacional*. CDROM Anais Alaic: La Plata.

BOSI, Ecléa (1994). *Memória e Sociedade – lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

GRISA, Jairo (2003). *Histórias de ouvinte*. Itajaí: Univali.

HALBWACHS, Maurice (2004). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.



IBGE (2002). *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. [www. ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

KAPLÚN, Mario (1978). *Producción de programas de radio – el guión- la realización*. Quito: Ciespal.

MALDONADO, Alberto Efendy, BIANCHI, Graziela Soares, GUTERRES, Aline, ERTEL, Débora, BECKER, Fernanda, ÁVILA, André (2005). *América Latina midiaticizada: produtos televisivos e recepção/As configurações da TV Educativa e a Rede Record na construção audiovisual dos latino-americanos e a sua realidade sociocultural/As significações fabricadas pelos seus telespectadores sobre a região*. Relatório de Pesquisa. São Leopoldo, Unisinos.

MALDONADO, Alberto Efendy, BIANCHI, Graziela Soares, GUTERRES, Aline, BECKER, Fernanda. *As estruturas televisuais sobre a América Latina nas redes Bandeirantes, SBT e Globo: produtos midiáticos, estratégias e recepção*. Relatório de Pesquisa. São Leopoldo, Unisinos.

MARTÍN-BARBERO, Jesús (1999). *Los ejercicios del ver – hegemonía audiovisual y ficción televisiva*. Barcelona: Editorial Gedisa.

MATA, María Cristina (1999). *De la cultura masiva a la cultura mediática*. In: Diálogos de la Comunicación. Lima, n. 50.

_____ (2005). *El público de la radio: modos de oír, modos de ser*. (texto cedido pela autora, ainda sem publicação).

_____ (1991). *Radio: memorias de la recepción – aproximaciones a la identidad de los sectores populares*. In. Diálogos de la Comunicación. Lima, n 30.

MILLS, C. Whirght (1975). *A imaginação sociológica*. São Paulo: Zahar Editores.

SENADO FEDERAL, Comissão Diretora (2003). *Projeto de lei da Câmara n. 57- Estatuto do Idoso*. Brasília.

VERÓN, Eliseo. *Fragments de un tejido*. Barcelona: Gedisa, 2004.